

ALBERTO CEDRÓN, filho de um militante social e criativo ceramista, traz desde o berço uma identidade em busca de reivindicação da qual jamais abdicou.

Nascido em Buenos Aires, foi o primogênito de uma família numerosa onde o espírito floresceu em obras literárias, arquitectónicas, musicais e cinematográficas - o clã Cedrón.

Ainda criança, sua família se estabelece em um subúrbio de Mar del Plata, um Bosque com poucas casas, atravessado por um riacho, a poucas quadras da encosta do mar, onde os ventos francos do sul esculpem as rocas e as árvores ribeirinhas, sob as inclemências salobres, buscam a sobrevivência, inclinando-se em direcção à terra varrida. Ali, brincando com a natureza, pintando esqueletos de animais, raízes, ramos, cascas, segue sua busca valiosa. Logo, trabalha com seu pai e, entre a experiência e a disciplina, a argila, a barbotina, eclodem suas respostas formais e cromáticas, nem sempre previsíveis diante do encontro com o fogo. Jovem, a vocação pictórica, de braços com o amor, forja seu destino. Clide, uma pintora sensível e independente, seria sua mulher, a mãe de seu primeiro filho, Pablo, e artisticamente sua musa e guia.

Por fim, sua aposta vital encontraria no mestre Jorge Demirjian uma elaborada e cabal resposta às suas incessantes buscas. Através dele, de Horácio Butler e Juan Carlos Castagnino, artistas plásticos de tempo integral, prestígio reconhecido e sensibilidade tipicamente americana, cresce, desenvolve o seu ofício, resultando em alguns dos sucessos insubstituíveis que marcaram a obra do artista adolescente. Este caminho genuíno o separava existencialmente das modas eurocêntricas, dos "ismos" banais.

Retornado à capital, vive em La Boca, bairro emblemático, catedral de cortiços de madeira e zinco, altar de sonhos de conquista. Ali se encontraria com alguns de seus pares, no atelier de Salanitri, um pintor com alma de padre. Viriam os delírios compartilhados, as disputas espirituais, a fraternidade dos criadores: eles se autodenominavam "Extramuros".

Chegam as primeiras exposições e com elas o desejo de novos horizontes. Sua viagem ao Brasil, nos idos dos anos 60, se constituiria num batismo americano poderoso. Sua sede de aventuras se coaduna com o convite de Noel Nutels para ser o ilustrador do grupo de apoio de uma expedição dos Vilas Boas, em mãos de cuja família ficou um variado e importante documentário gráfico daquela entrada na zona do Rio Xingu, ao encontro da América profunda e primitiva. Este breve dedilhar dá conta das chaves de sua linguagem plástica que tem suas raízes no húmus nutritivo do espírito popular, obstinadamente vivo sob a erosão mediática que a batuta do mercado produz, neste mundo submetido à catarata de produtos consumidos sem serem digeridos, pela necessidade - sempre outra - e dominado pela histeria da transitoriedade de seus valores.

Os dilemas da arte contemporânea haveriam de trazer problemas ao jovem artista, que adotaria, sem renúncias, um inconformismo capaz de enfrentar tanto a *arte de mercado* quanto a *arte de partido*: ambas coxas, mutiladas, ante a demanda de liberdade e absoluto, combustível permanente da criação.

A Arte Cadrônica atravessará todos os caminhos plásticos e muito mais: a escultura, a modelagem, a cerâmica, o muralismo, a pequena e a grande tela, o desenho, a gravura, a experimentação com bases materiais ocasionais (sucata, calçadas, paredes, moldes, pedras), ou tradicionais (madeira, tela, ferro, latão, plástico, etc.), em tudo isso persistindo o acicate de seu fantasma, incansável, esporeando suas frentes.

Venezuela, França, EUA, Paraguai, Itália, Brasil, Portugal, testemunharão sua proteica proposta, nunca sujeita a padrões e correntes. Obras de grande alento, esculturas e murais se impuseram, encontrando interlocutores em todos os lugares onde viveu.

Sua qualidade de fazedor impulsionou-o a criar móveis, estufas, lâmpadas, brinquedos... sua mão iluminado a vida cotidiana sem perder o rumo.

Falar da obra anterior, na perspectiva de sua diversidade, é desnecessário, porque esta mostra traz a marca de uma proposta amplamente amadurecida.

A força desta exposição tem aqui todos os ingredientes que impregnam este século americano: as convulsões sociais, o realismo mágico, o sincretismo cultural, a diacronia, a polissemia, as referências autobiográficas, o refluxo das identidades ante a agressiva globalidade (reflexo financeiro do mundo pós-atômico), o vigor do neo-expressionismo, a turbulência do neo-barroco (Calabrese) e o detonador de uma militância entrincheirada sob o horizonte, atesourando mitos populares, eróticos, lúdicos e familiares.

A maestria de sua técnica e a fidelidade ao estado de intuição se actualizam em uma matéria que exige velocidade e castiga arrependimentos: o acrílico, com sua rotunda cromaticidade, se rende ao traço seguro de suas proposições à "la prima", emanados de um ser ansioso e em estado de crise, como é o nosso artista, transido, transpassado por um vertiginoso caleidoscópio.

Sob as arcadas de seu mundo, agora fechado, são surpreendidos em sua intimidade, pompa, desembaraço, histrionismo, sedução, ferocidade, esperança... a trama de nossa fatigada humanidade. Devemos nos deter ante os enigmas desta labiríntica exposição que expressa as tensões e crises de uma identidade e uma pertinência em perigo.

Estas telas, verdadeiras aberturas ao espelhismo do fugaz e ao peso do perdurável, agitam os véus de nossas suspeitas, crenças e medos.

Alberto Cedrón não se rende!

Este desopilante hieratismo sensual, em sua atmosfera equivocadamente azulada, se contrapõe à manipulação desnuda dos sacrifícios carnívoros entre ocres e dignatários, entrelaçados ao mistério dos espelhos cárceres e à potente luz exterior: solar, radioativa, teatral?

Obra aberta, contemporânea de Humberto eco, José Hernandez, Goya e a pátria guarani. O ardente mamarracho de lidar com a beleza, a verdade e a morte deste continente fecundado, flagelado e insone com estes ícones submergidos nas catacumbas, até que passe o temporal da imponente banalidade desta infundável Segunda-feira que castiga aborrecida e fastidiosamente nossa liberdade endomigada.

Um artista especialmente dotado para servir de guia ao americano de amanhã, da ainda anêmica, por enquanto, relação de nossos povos, retalhada pelo chauvinismo decrépito de tantos intelectuais e secretamente promovido pelos países centrais.

Os subterrâneos de Cedrón

Semelhante a um compositor que quer livrar-se das musas pintando a melodia, é ele que espreita, dominado por sua presa. Santas apócrifas e pudicas exibicionistas irrompem nas plataformas de seus recônditos espaços. No estrondo da invasora universalidade, a mão cúmplice nos guia em suas catacumbas onde, em variadas posturas, restos diurnos e noturnos, paradigmas crioulos e patricios compartilham estes níveis de caminhos tortuosos, cloaca maior, paródia de banho romano, habitações primitivas, galerias mineiras, quase sempre conectados com um exterior incandescente.

Atos de tramóia mágica, pajé crioulo e matadouro doméstico, mesclados em impiedoso gregarismo. Cavernas recorridas em instantâneo recurso imaginético pelos mistérios pitagóricos, cristianismo primitivo, subsolo de cidades convocando centro e subúrbio, subterrâneos portenhos com suas polimorfias evocações, com suas cargas de clandestinidades protetoras, o refúgio final.

Pode supor-se um "lá fora", um "lá em cima" em contraponto com a fabulação platônica, enquanto a verdade singular, factível, do visível comunicado, impõe com luz com luz própria sua realidade única: verdadeira metáfora do artístico.

Aqui, nestes rincões, estaremos a salvo da esdrúxula vassoura, este arrastão cego ameaçando nossas esperanças.

Com que força da memória terá Alberto ungido seu pincel, como um escopo afinado, de modo a descobrir, com suas expressivas cavadelas, os retalhos de uma história em perigo?

Na barroca proposta se distinguem espelhos carcerários onde imagens ainda mais remotas e brumosas pulsam em direcção à liberdade de seu olhar.

Nos meandros destas arcadas, a meio caminho entre a técnica e a natureza, deliberam, esperam ou se preparam os protagonistas do novo renascimento americano: protéico, cheio de sementes, postremo de um século que hasteou e destroçou os mitos do progresso, a felicidade e o funcionalismo, século radioativo e ecológico, apolíneo e horrível, surdo e gritante, sectário e polimorfo.

Aqui se alerta a alma nas covas de um crente apaixonado e burlão, de um trabalhador espiritual apesar da decolagem dos megabytes, com sua oferta simultânea do milionário objecto ante uma plateia de microscópicos sujeitos, aferrados debilmente, contudo, a uma gigantesca vida cotidiana, sobrevivendo sob a fusilaria de incessantes resplendores.

Na multiplicação dos ídolos, dinossauros e guias espirituais, a juventude vaga entre o marketing e o heroísmo de ser. O barbante do papagaio se retesa e lá vai a brecha azul tragando a ingenuidade do mundo. Fumando sua inocência a chaminé da ardente aceleração aponta mansamente para a aventura de voar.

Nestas profundezas, o imaginário deste pintor aguerrido, convoca o ser gaúcho em enigmática coabitação com o patriciado, os prelados, as mulheres dispostas, os índios, os domésticos magarefes, a clandestinidade, a vingança social, o burgo transeunte, a oligocracia, a comunidade toda, seus heróis futebolísticos, seus marginais, suas crenças, o fraternal ritual do mate e o braseiro, sob custódia do elefante memorioso, o apocalíptico cavalo, simbolizando a dessacralização da libido, o leite animal, o dócil macaco e os cães suburbanos, sob a luz de uma via superior, ardente, solar, com quase audível improviso de tango de galpão.

Alberto Cedrón, com esta pintura madura, recorre ao largo andarível de sua própria maratona plástica e geográfica.

O relevante desta matizada plebe, é que está à espera de outros seres que, sem dúvida, darão respiração ativa, verbo pleno, assombro partilhado. Ou talvez mais, seres que se acercarão ao espaço virtual, encontrando um lugar "real" de protecção, de refúgio, de convivência espiritual, de complô comunitário.

Sem simpatia, esta obstinação criativa que irmana gozo estético, intuição íntegra e ternura consciente, naufragaria sem tocar a terra. Estes espaços de espelhos mediúnicos e místicas e toscas realidades levariam sua carga apenas ao limitado espaço das artes plásticas.

A proposta de Cedrón ronda altaneira no mundo do empaste, a veladura, o traço, a medida áurea, o decoro artesão.

Sem fé vacante, sem sensação de íntima perda, sem desejo latente pouco poderá revelar nosso argonauta.

Ele possui a completa segurança de estar dando testemunho de um crepúsculo e um amanhecer alheios ao sectarismo, na assunção de nossa América, cercada, negada e submergida pela força superficial de uma aldeia global, adocicada pelo lucro, arrinconada por um futuro imprevisível.

Horácio Pilar